



PAUL SINGER

HOMENAGEM

Paul Singer um militante por uma utopia

Agnaldo dos Santos
Mestre e Doutor em Sociologia pela USP e
professor da UNESP

Existe uma foto muito famosa entre os acadêmicos brasileiros das ciências humanas - a defesa de doutorado do saudoso Otávio Ianni, aluno do também saudoso Florestan Fernandes. Retrato pomposo, onde o futuro doutor aparece de beca, tendo na banca, além de Florestan, nomes como Sérgio Buarque de Hollanda e Caio Prado Jr. Minha amiga Lidiane Rodrigues, que estuda o famoso Grupo do Capital e a Escola Paulista de Ciências Sociais formados na Universidade de São Paulo (USP) entre os anos 1960 e 1970, me fez notar como aquela foto é altamente significativa, um totem do “Olimpo uspiano” e da *intelligentsia* paulista: nela, aparecem em primeiro plano o casal Fernando Henrique e Ruth Cardoso, ao lado de Maria Sylvia de Carvalho Franco; logo atrás surgem Fernando Novais, Perseu Abramo, Oliveiros Ferreira e, bem ao canto da foto, um jovem senhor de óculos. Trata-se do economista e militante Paul (ou Paulo, como prefere ser chamado) Singer, colega de estudos e amigo de quase todos os supracitados, mas com uma história bastante singular e caminhos futuros um pouco distintos daqueles da elite uspiana.

Austríaco de nascimento mas brasileiro de coração, veio criança para nosso país com a família de ancestralidade judaica, fugindo dos horrores do nazismo. Aproximou-se desde cedo do movimento

dos *kibutzim* (colônias agrícolas judaicas de cunho cooperativista), e depois de formado na Escola Técnica Getúlio Vargas, de São Paulo, passa a trabalhar como eletrotécnico e ingressa no movimento sindical metalúrgico, participando da famosa greve dos 300 mil de São Paulo, em 1953. Ao mesmo tempo que ingressava no curso de Economia da USP, desenvolvia suas atividades políticas no antigo Partido Socialista Brasileiro e na Organização Revolucionária Marxista Política Operária (Polop).¹

Esses dados biográficos são significativos para pensarmos a inestimável contribuição desse professor universitário e, acima de tudo, militante socialista, para as lutas dos trabalhadores brasileiros. Admirador confesso de Rosa Luxemburgo, e seguindo seus passos, vem pautando sua atuação tanto pelo trabalho intelectual rigoroso quanto pela crítica aos dogmatismos muito comuns em certos círculos políticos da esquerda. A vida de Singer é um exemplo da procura permanente em unir teoria e prática, entre análise das estruturas sociais e atuação no plano da prática política. Na melhor tradição marxista, demonstra que não é possível ler Marx sem desenvolver militância política, mesmo quando os canais institucionais estão longe dos ideais para uma ação típica revolucionária. Depois de ser afastado das funções de professor assistente na universidade pelo famigerado AI-5, desenvolve suas atividades no interior do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e retoma suas atividades docentes na PUC de São Paulo, cujo chanceler à época, D. Paulo Evaristo Arns, se notabilizava pelo apoio à resistência contra a ditadura militar e convidava diversos intelectuais a ingressar naquela escola católica.

Em 1980, coerente com sua atuação marxista e antidogmática, participa junto dos sindicalistas liderados por Lula, das comunidades eclesiais de base e de parte da oposição de esquerda à ditadura, da fundação do Partido dos Trabalhadores. Já no final daquela década, será o secretário municipal de planejamento do Governo Luiza Erundina, o primeiro com características explicitamente de esquerda na cidade paulistana, e um dos mentores da ideia de vincular uma tributação progressiva de impostos - cujo alicerce é “quem ganha mais, paga mais” - à execução da “tarifa zero” nos transportes públicos, direito de todo cidadão mas mesmo hoje acessível apenas para um parcela da população com renda disponível para usá-los diariamente. A derrota dessa ideia, e mesmo das eleições presidenciais de 1989 e municipal de 1992 (além do próprio golpe

de 1964), não são as únicas derrotas que o professor/militante que carrega em sua aguerrida história pessoal.

É curiosa a declaração que Singer deu anos depois da eleição à Presidência da República de seu antigo colega de USP e Cebrap Fernando Henrique, em 1994: “Eu me enganei redondamente face ao Plano Real. Meu comunismo e ódio psicótico pelo PSDB me cegaram”.² Quem, como o escriba desse texto e os membros do Núcleo de Estudos d’o Capital (NEC-PT), teve e tem até hoje a honra de seu convívio sabe que a expressão é meramente retórica. Não quanto ao comunismo, ou quanto ao erro estratégico de avaliação naquela eleição, mas quanto ao ódio - raríssimas pessoas podem dar algum testemunho nesse sentido. Nosso convívio com Paulo Singer é tanto o de companheiro de partido quanto foi tempos atrás de alunos na instituição acadêmica, e em ambos os casos a cordialidade e a elegância sempre foram a sua marca. Como aluno na pós-graduação, fui testemunha de como sempre prezou pelo respeito aos alunos, e mesmo ante às perguntas ou afirmações mais esdrúxulas se colocava humildemente no debate, com tiradas do tipo “Nunca pensei nessa perspectiva, é interessante sua fala, entretanto...”. Sinto que essa sua postura foi muito importante para me pautar atualmente como professor diante dos meus próprios alunos.

Mas se Singer teve o desgosto de vivenciar a ditadura militar e de amargar algumas derrotas eleitorais de seus candidatos, teve também muitas conquistas. Uma das mais significativas foi, com a vitória de Lula em 2002, ser convidado a desenvolver atividades, no Ministério do Trabalho, de economia solidária. É desde 2003 Secretário Nacional de Economia Solidária. Como acadêmico já desenvolvia desde o final dos anos 1990 uma reflexão muito interessante, bem ilustrada no seu famoso livro **Uma Utopia Militante**, de que o socialismo teria que percorrer uma trilha dialética similar ao do desenvolvimento econômico do capitalismo.

Em outras palavras, se as atividades burguesas nasceram no interior do feudalismo e, de forma contraditória, negavam os alicerces daquele modo de produção e cresciam dentro dele, também o socialismo deveria ser fruto das contradições do próprio capitalismo, como bem ensinou Marx. Seria nos interstícios da economia de mercado, por meio das cooperativas de trabalhadores, que o novo modo de produção surgiria, ao mesmo tempo negando a lógica de acumulação capitalista e “treinando” os trabalhadores para a tarefa da autogestão, quebrando o tabu de que “operário executa e patrão

planeja” que se cristalizou como as técnicas tayloristas/fordistas. Em suas aulas e nos seus textos desde então, Singer procura ser honesto quanto às potencialidades e aos limites da economia solidária, sendo o cooperativismo seu principal expoente. Para ele, o movimento cooperativista não pode, de fato, se viabilizar sem aportes de recursos estatais, mas isso não é contraditório se comparado com a própria história do capitalismo. Diversos autores do campo marxista e keynesiano demonstraram como os capitalistas, pelo menos desde o século XVI, lançaram mão de vultosos benefícios do Estado (protecionismo, financiamento etc.) para construir seus impérios econômicos, e a experiência recente dos países asiáticos (notadamente Japão e China) apenas reforçam essa constatação.

Nesse sentido, Singer procura resgatar uma tradição do socialismo que foi taxada pela ortodoxia marxista de “socialismo utópico”, mas procura atualizar também o melhor que a social-democracia europeia – vale lembrar, ainda ligada umbilicalmente ao marxismo no início do século XX – construiu naquele continente. A disputa do Estado ainda é tarefa para os socialistas, mas ela se mostrou insuficiente se for apenas *per se*. Atribuir um caráter classista às suas decisões no âmbito do Estado, bem como capacitar os trabalhadores simultaneamente à gestão e à luta política, são as lições que o professor/militante Paulo Singer ainda ensina à novas gerações dentro e fora da universidade. É com seu exemplo de vida que essas novas gerações aprendem que “não basta apenas compreender o mundo, o que importa é transformá-lo”, parafraseando um dos seus autores prediletos.

Notas

1. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Singer>. Acessado em 27/07/2012.
2. Disponível em: <<http://www.fpa.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-antiores/entrevista-paul-singer>>. Acessado em 27/07/2012.

DIVULGAÇÃO

A Revolução Cubana

e a Questão Nacional

(1868-1963)



José Rodrigues Mão Jr

A Revolução Cubana sempre foi mais do que um objeto de estudo acadêmico. Desde os primeiros textos produzidos pelos intelectuais que buscaram compreender o significado histórico da ação político-militar que libertou a Ilha de Cuba das garras do império norte-americano, a tônica foi sempre o engajamento.

O último livro dessa grandeza sobre Cuba foi o de Florestan Fernandes, publicado em fins dos anos 70 (Da Guerrilha ao Socialismo). Desde então, há no mundo editorial brasileiro especificamente, um vazio de livros que unam paixão à análise da Revolução.

O livro chega a detalhar fatos que escaparam a muitos analistas da Revolução! Um amplo debate sobre a questão nacional no seio do marxismo complementa a obra.

Vendas: www.ideographos.com.br

Núcleo de Estudos d'O Capital

